



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



ALINE OLIVEIRA DA ROCHA

FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: a re-construção de Brasília por meio
de imagens

Rio de Janeiro

2011

ALINE OLIVEIRA DA ROCHA

FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: a re-construção de Brasília por meio
de imagens

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2011

O48c Rocha, Aline Oliveira.

Fotografia como fonte de informação: a re-construção de Brasília por meio de imagens/ Aline Oliveira da Rocha. – Rio de Janeiro, 2011.

36 f.

Orientador: Robson Santos Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Fotografia. 2. Fonte de Informação. 3. Informação. I. Título.
II. Costa, Robson Santos.

CDD: 770

ALINE OLIVEIRA DA ROCHA

FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: a re-construção de Brasília por meio de imagens

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em:

Prof. Robson Santos Costa
Mestre em Memória Social (PPGMS/UNIRIO)
Orientador

Prof^ª. Vânia Guedes
Doutora em lingüística (Pós-graduação em lingüística/UFRJ)
Professor convidado

Prof. Antonio José Barbosa de Oliveira
Doutor em memória Social (PPGMS/UNIRIO)
Professor convidado

ROCHA, Aline Oliveira da. Fotografia como fonte de informação: a re-construção de Brasília por meio de imagens. 2011. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar se as fotografias podem ser compreendidas como fontes de informação históricas por meio da análise do acervo fotográfico Hélio Silva. Conceitua o que são fontes de informação nos três níveis: primárias, secundárias e terciárias. Por meio de uma revisão bibliográfica, trabalha o conceito e a história da fotografia enfatizando seu valor social e histórico nas mais diversas áreas do conhecimento. Define informação e sua relação com o conceito de fontes de informação e fotografia. Apresenta um breve histórico do historiador Hélio Silva, do Acervo fotográfico e do período que compreende a construção de Brasília no governo Juscelino Kubitschek. Seleciona fotografias para análise tomando por base Kossoy que compreende a análise fotográfica em dois aspectos: descritivo e interpretativo. Conclui que as fotografias podem ser entendidas como fontes de informação e memória de um período histórico específico e podem ser instrumentos geradores de conhecimento no interior do processo de comunicação.

Palavras-chave: Informação. Fotografia. Fonte. Hélio Silva. História. Brasília.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1: Juscelino Kubitschek e Luciano Costa	24
FOTOGRAFIA 2 Juscelino Kubitschek e Bernardo Saião	25
FOTOGRAFIA 3 Juscelino Kubitschek no núcleo Bandeirante	26
FOTOGRAFIA 4 Juscelino Kubitschek em Brasília	27
FOTOGRAFIA 5 Construção de Brasília	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	FONTES DE INFORMAÇÃO	7
3	A FOTOGRAFIA	9
3.1	História	9
3.2	Conceito	13
3.3	Fotografia nas mais diversas formas	15
4	ACERVO HÉLIO SILVA	18
4.1	Hélio Silva	18
4.2	O acervo	19
5	METODOLOGIA	21
6	ANÁLISE FOTOGRÁFICA	23
6.1	Período JK e a construção de Brasília	23
6.2	A história por imagens	25
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

No mundo atual existem informações em todos os lugares, nos mais variados suportes. A informação ajuda a compreender o passado e auxilia na compreensão e construção do futuro. Ela é um instrumento formador de conhecimento, presente nos meios de comunicação e na vida cotidiana das pessoas. Ela está presente em livros, artigos, revistas, jornais, propagandas, desenhos e fotografias.

Este trabalho tem como objetivo estudar as fotografias como fonte de informação, com base nas teorias sobre informação na área de Biblioteconomia e em outras áreas do conhecimento, onde a informação pode ser concebida através de fotografias. Conceituamos informação de acordo com as teorias do campo da Biblioteconomia e áreas adjacentes; descrevendo o que são fontes de informação e Trabalhamos o conceito e a história da fotografia, compreendendo-a como fonte de informação.

A investigação é relevante, pois estuda a fotografia como fonte de informação, geradora de conhecimento e como um insumo para o processo de comunicação. Evidencia a importância dos registros fotográficos ao longo da história, como eles estão presentes na atualidade, nas diversas áreas do conhecimento do cotidiano social.

Para analisarmos a fotografia como fonte de informação, selecionamos fotografias do Acervo Fotográfico Hélio Silva e escolhemos como material de análise imagens fotográficas relacionadas à construção da cidade de Brasília e ao presidente Juscelino Kubitschek.

Desse modo, com base na bibliografia referente ao tema e da análise das fotografias selecionadas, esperamos evidenciar a relevância da fotografia como fonte de informação histórica e social.

2 FONTES DE INFORMAÇÃO

A informação é de suma importância na atualidade. Ela se tornou um instrumento valioso que move organizações e pessoas, sendo insumo para o processo de comunicação. A informação é percebida como “conjuntos significantes com a competência e na intenção de gerar conhecimento no indivíduo, em seu grupo, ou a sociedade” (BARRETO, 1999, p. 1), ou seja, ela é um instrumento que atua no processo de construção de conhecimento.

Ela pode apresentar-se nas mais diversas formas: oral, escrita, por símbolos e signos e por meio de imagens, que se incluem gravuras, desenhos e fotografias. Em todos esses meios a informação está presente, podendo criar conhecimento, seja ele explícito ou tácito. Sendo conhecimento explícito aquele que é claro, verbalizado, fácil de manipular e transmitir. É o conhecimento “que está registrado em livros, revistas, artigos, documentos de um modo geral” (RUSSO, 2010, p. 19). O conhecimento tácito pode ser compreendido como o conhecimento pessoal, subtendido na mente das pessoas, é “acumulado em função da experiência que cada uma adquiriu ao longo da vida” (RUSSO, 2010, p. 19).

Podemos entender fonte de informação como tudo aquilo que fornece informação ao homem, elas devem apresentar informações ou novas interpretações de idéias que já são públicas, como as informações apresentadas em periódicos, livros, jornais, dissertações, teses e fotografias (DIAS; PIRES, 2005). Segundo Lakatos e Marconi (1992, p. 43) as fontes de informação podem ser fontes primárias, secundárias e terciárias, e possuem funções diferentes.

As fontes primárias são os documentos de pesquisa documental “provenientes dos próprios órgãos que realizaram a observação” (LAKATOS; MARCONI 1992, p. 43), elas estão presentes nos artigos, livros, relatórios, etc. As fontes de informação secundárias são “um levantamento de toda a bibliografia levantada” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 43). Elas têm como objetivo auxiliar o uso das fontes de informações primárias. As bibliografias são um exemplo desse tipo de fonte de informação. As fontes de informação terciárias podem ser compreendidas como uma coleção das fontes de informação primárias e secundárias, proporcionando ao usuário uma versão rápida e resumida da informação que ele procura. São

as chamadas bibliografias de bibliografias, direcionando os usuários para as fontes de informações primárias ou secundárias, através de resumos, catálogos, guias e índices.

Lakatos e Marconi (1992, p. 43) ainda ressaltam que nas fontes de informação primárias podem-se incluir fontes não escritas como fotografias, gravações, impressa e falada, desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte e folclore etc.

A fotografia se enquadra na definição de documentos pertencentes à categoria de fontes primárias, pois estes “englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para pesquisa científica” (LAKATOS; MARCONI 1992, p. 43).

Kossoy (1989, p.29) destaca que toda fotografia é um fragmento do passado, tem atrás de si uma história, captada em um tempo e espaço específicos, sendo o registro visual ponto de partida para análises iconográficas e interpretativas. “Toda fotografia é resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade registrado fotograficamente” (KOSSOY, 1989, p.29).

Sendo a fotografia um fragmento do passado, ela possui o caráter de fonte informação, geradora de conhecimento, construção social e documento. Segundo Le Goff (*apud* JARDIM 1995, p.2), documentos são “como materiais da memória coletiva, diferenciando-os em função de sua característica”. Ela é um fragmento de memória que, de acordo com Jardim (1995, p.2) “é subjetiva, um guia para o passado, transmissor de experiência, simultaneamente seguro e dubio”, sendo assim, a fotografia é produto de um contexto.

3 A FOTOGRAFIA

“A fotografia é extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível” (GURAN, 1999, p.15). Ela é uma forma de se estabelecer comunicação e de se ampliar o conhecimento. Segundo Guran (1999, p.16) ela mostra a realidade de maneira própria e particular, assim como no cinema e no vídeo. Ela congela o tempo, a ação e um determinado local e preserva aspectos que mudaram com o tempo, é uma forma de comunicação sem barreiras lingüísticas ou geográficas.

3.1 História

De acordo com Dubois (1993, p. 129):

Qualquer manual de história da fotografia apresenta sua invenção como resultado da conjunção de duas invenções preliminares e distintas: a primeira, puramente ótica (dispositivo de captação de imagem); a outra puramente química, é a descoberta da sensibilização da luz de certas substâncias à base de sais de prata (inscrição automática).

Pode-se dizer que a fotografia deu seus primeiros passos quando químicos diversos tentavam reproduzir imagens pela passagem de luz através de pequenos orifícios. “A luz entrava na câmara através de uma pequena abertura, chamada pinhole (buraco de agulha ou orifício), projetando uma imagem de uma cena na parede oposta” (QUINTAS et al., 2008). Segundo Damisch (*apud* DUBOIS 1993, p. 39):

A aventura da fotografia começa com as primeiras tentativas de o homem reter uma imagem que aprenderá a formar de longa data (provavelmente os astrônomos árabes utilizavam a câmara escura desde o século XI para observar os eclipses do sol).

Alhazen, um físico e matemático árabe, estudioso de fenômenos ópticos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, 2011) criou a câmara escura para a observação de eclipses solares, sem que estes causassem danos ao observador. Somente no século XVI foi adicionada às câmaras escuras uma lente convexa.

Segundo Halliday e Walker (2009):

Uma lente é um corpo transparente limitado por duas superfícies com um eixo central em comum. Quando uma lente está imersa no ar a luz é refratada ao penetrar da lente, atravessa a lente, é refratada uma segunda vez e volta a se propagar no ar. As duas refrações podem fazer mudar a direção dos raios luminosos.

Ou seja, uma das funções de uma lente é desviar os raios de luz para um lugar desejado. Uma lente convexa, que também podem ser chamadas de lente divergente, “faz com que os raios se afastem do eixo central” (HALLIDAY; WALKER, 2009). Ou seja, refractam-se em sentido convergente até se encontrar no foco principal da imagem, uma imagem aproximada e diminuída, tem sempre um foco real e concentra os raios de luz. Com a adição da lente convexa a câmara escura, esta se tornou um objeto capaz de registrar de forma permanente uma imagem real. Imagem real é “uma imagem formada por raios luminosos” (HALLIDAY; WALKER, 2009).

No século XIX vários estudiosos seguiram com os estudos sobre fotografia. Dentre outros, podemos citar Thomas Wedgwood e Carl Wilhelm Scheele, que descobriram que a prata reagia à ação da luz e alguns anos após essa descoberta, o químico francês Joseph-Nicéphore Niépce conseguiu usar cloreto de prata em papel para se registrar as imagens captadas pela luz. Desta forma foi desenvolvida a chapa de prata. Dubois (1993, p. 132) afirma que “a descoberta da sensibilidade dos sais de prata a luz é que vai permitir abandonar o trabalho do decalque e da cópia manual da imagem em proveito de um novo meio de registro: a inscrição automática”.

Segundo Vasquez (2000, p.1):

Tanto Joseph Niépce, o inventor da fotografia na França, quanto nosso precursor, Hercule Florence, trabalhavam no aprimoramento de sistemas de impressão quando tiveram a idéia de unir dois fenômenos previamente conhecidos, um de ordem física e outro de ordem química: a câmara obscura, empregada pelos artistas desde o século XVI, e a característica fotossensível dos sais de prata, comprovada pelo físico alemão Johann Heinrich em 1727.

A chapa de prata, utilizada nas fotografias, foi desenvolvida por Joseph-Nicéphore Niépce em parceria com Louis-Jacques Mandé Daguerre. Após alguns anos de pesquisa, foi então lançado o daguerreótipo. O daguerreótipo utilizava a chapa de prata, descrita acima, que ao receber tratamento com iodo criava uma camada fina de iodeto de prata, que variava de cor quando era submetida à luz. De acordo com Barthes (*apud* DUBOIS, 1993, p. 60) a fotografia “só foi possível no dia em que uma circunstância científica (a descoberta da sensibilidade dos haletos de prata à luz) permitiu capturar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto iluminado de forma diversa”.

O Daguerreótipo reproduzia a imagem fotográfica sem a utilização de um negativo para o mesmo. Os daguerreótipos são extremamente ricos em detalhes e duas cores variam em uma escala de cinza. Estas fotografias devem ser protegidas por um espelho e devem ser hermeticamente fechadas.

Um dos problemas do daguerreótipo era que ele precisava de longas exposições para poder se fixar as imagens na chapa de prata. (VASQUEZ, 2000). Outros problemas que podem ocorrer com esse tipo de fotografia são a oxidação da chapa de prata utilizada como suporte à fotografia e a doença do vidro, em que o vidro se deteriora e pode acabar comprometendo a fotografia. Além disso, por não possuir negativo da foto, o daguerreótipo não permitia cópias da fotografia.

Antes do processo daguerreótipo, houve também a Calotipia, desenvolvida por William Henry Fox Talbot, que consistia em um processo com negativo e positivo da imagem, que recebeu o nome de *photogenic drawing*, em 1839. Sendo baseada no processo de negativo/positivo, esse processo permitia várias cópias de uma mesma imagem (VASQUEZ, 2000).

A calotipia obedecia, portanto, a natureza intrínseca da fotografia: a reprodutibilidade, enquanto a daguerreotipia se aparentava conceitualmente à pintura em virtude de seu caráter de imagem única e, portanto, rara. Assim não causa estranheza o imediato sucesso obtido pela daguerreotipia junto à burguesia emergente, ávida por símbolos de status capazes de fazê-la rivalizar com a nobreza, até então detentora quase exclusiva do privilégio de ter seus perfis eternizados pelos pintores. (VASQUEZ, 2000, p. 2)

Posteriormente surgiu o Ambrótipo. Em vez de utilizar uma chapa de prata como suporte para a fotografia, ele usava uma chapa de vidro.

A variante Ambrotipia, elaborada por Archer com a coloração de Peter Wickens Fry, consistia em um positivo direto obtido com a chapa de colódio. Branqueava-se um negativo de colódio sub-exposto, escurecia-se o dorso com um tecido preto ou um verniz escuro, dando assim a impressão de um positivo. (HISTÓRIA... 2010)

Era uma opção mais barata do que as fotografias daguerreótipas, pois não utilizava a prata como suporte principal da foto. Para conseguir a imagem, a placa de vidro utilizada como suporte a fotografia, era banhada a colódio, que é um tipo de ligante, e então era mergulhada em uma solução de nitrato de prata (HISTÓRIA... 2010). Após a foto ser feita, ele ainda poderia ser banhado com verniz, garantindo certo brilho a fotografia. Vários ambrótipos recebiam detalhes pintados a aquarela, como partes das peças de roupa que das pessoas, a boca, bochechas rosadas etc.

Podem-se destacar também os Ferrótipos. “Os Ferrótipos são uma variação do Ambrótipo, porém era exigia menos tempo para ser elaborada” (HISTÓRIA... 2010) e tinha como material de suporte o ferro. As fotografias não precisavam de tempo de secagem após ser realizadas, além de não precisarem ser guardadas em estojos hermeticamente fechados ou de ter algum vidro usado como suporte.

Os Ferrótipos tinham maior praticidade, se comparado aos dois tipos de fotografia criados anteriormente e desfrutaram de “grande popularidade entre os fotógrafos nos Estados Unidos a partir de 1860, quando começaram a aparecer os especialistas fazendo fotos de crianças em praças públicas, famílias em piqueniques e recém casados em porta de igrejas” (HISTÓRIA... 2010).

Esse tipo de fotografia também havia problemas. Podemos citar como ponto negativo a esse tipo de imagem o possível craquelamento da mesma e a oxidação, presente também no ambrótipo e no Daguerreótipo. Além desse, outro inconveniente do ferrótipo, assim como de outros processos por colódio, “era a utilização obrigatória de placas ainda úmidas [...] mas logo apareceu um processo "seco" que substituiu rapidamente o colódio: a gelatina.”

(HISTÓRIA... 2010). Richard Lear Maddox, um médico inglês, foi o responsável pela substituição do colódio pela gelatina nas chapas fotográficas. (HISTÓRIA... 2010).

As fotografias variaram muito de suporte, juntamente com a sua evolução. Desde chapas de cobre, vidro, ferro, papel pelos mais variados processos de estrutura, até chegar ao suporte utilizado nos dias de hoje: o plástico. “Deve-se lembrar também das fotografias concedidas por meios digitais, que são formadas por minúsculos pontos de cor” (QUINTAS et al., 2008). Mustardo e Kennedy (2001, p. 7) explicitam cada forma de suporte em relação ao tipo de fotografia:

Metal (placa de cobre recoberta com prata, para daguerreótipos, e folhas de ferro laqueado, para ferrótipos); vidro (para ambrótipos, negativos de vidro, positivos em slides); papel (positivos de todos os tipos e alguns dos primeiros negativos do século XIX); plásticos (negativos em filme – acetato, nitrato, poliéster, etc.).

3.2 Conceito

A imagem sempre esteve presente na vida do homem. Na pré-história, o homem desenhava imagens nas paredes das cavernas com o objetivo de registrar informação. Conforme Martine (1996, p. 42) “material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma imagem é antes de mais algo que se assemelha a qualquer outra coisa.” Platão (*apud* RODRIGOS, 2007, p. 68) define a imagem como “uma representação visual, construída pelo homem, dos mais diversos tipos de objetos, seres e conceitos”. Ou seja, de acordo com os dois conceitos citados acima, podemos compreender a imagem como a representação visual de algo. Segundo Halliday e Walker (2009) é “uma reprodução obtida a partir de raios luminosos”.

A Fotografia, assim como ilustrações, figuras, desenhos nas paredes de cavernas feitas por homens pré-históricos, é uma a representação visual. Conforme Martine (1996, p. 43) a imagem possui semelhança “porque ela não é a própria coisa; a sua função é, pois a de evocar, a de significar outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança”. Desta forma o registro fotográfico é considerado uma imagem. Rodrigues (2007, p.67) afirma que “a fotografia é cópia de um referente, ou seja, de algo ou de alguém – pessoa, objeto, paisagem, animal, acontecimento etc. – reproduzido como imagem”.

A fotografia, sendo então um tipo de imagem, possui algumas funções, como a Função Informativa citada por Martine:

A função informativa (ou referencial), muitas vezes dominante na imagem, pode também amplificar-se numa função epistêmica, concedendo-lhe então a dimensão de instrumento de conhecimento. Instrumento de conhecimento porque fornece, com certeza, informações acerca dos objetos, lugares ou pessoas através de formas visuais tão diferentes como as Ilustrações, as fotografias, os desenhos ou ainda os painéis. (MARTINE, 1996, p. 67)

A fotografia, portanto, é um instrumento que fornece informação, sendo que a “informação deveria ser aquilo que leva a compreensão” (WURMAN *apud* AGNER, 2009, p.115) e que “possibilita a todos o acesso a um novo visível” (ABREU, 2005, p. 18), ou seja, a fotografia é um instrumento que gera conhecimento. A construção do conhecimento ocorre quando atribuí-se “a informação um contexto, um significado, uma interpretação; alguém refletiu sobre o conhecimento, acrescentou a ele sua própria sabedoria” (DAVENPORT, 1998, p. 19).

A fotografia é um recurso de comunicação e suporte de expressão da representação social (LIMA; SILVA, 2007, p.13) e está presente em várias áreas do conhecimento, como a Biblioteconomia, História entre muitas outras. Ela agrega valor histórico, pois registra de forma definitiva, em forma de registro visual, os acontecimentos e representa algo ou alguma coisa que não existe mais ou que poderá deixar de existir:

(...) sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. As personagens retratadas envelhecem e morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem. (KOSSOY, 1980, p. 139)

Segundo Peter e Silva (1999, p. 13) o propósito inicial da fotografia é a comunicação, sendo esta o “processo intermediário que permite a troca de informações entre as pessoas” (LE COADIC *apud* MORIGI; ROCHA, 2007, p. 6). Deste modo, com a fotografia sendo um insumo para comunicação e a informação um suprimento essencial para ela existir, a fotografia é uma fonte geradora de informação, passível de construir conhecimento no

processo de comunicação, “faz parte do dia-a-dia das pessoas compondo, com a escrita e o som, o fundamento da comunicação” (RODRIGOS, 2007, p. 70).

Outro autor que também afirma que a fotografia faz parte do processo de comunicação é Davenport (1998, p. 20) assegurando que “idéias podem ser transmitidas na forma de textos, fotos, gráficos, gravações em áudio e vídeo”.

Rodrigos (2007, p. 69) atesta que a imagem obteve seu reconhecimento como fonte geradora de conhecimento apenas no século XX, juntamente com a criação e o desenvolvimento de novas tecnologias em todas as áreas do conhecimento, incluindo a comunicação:

Como auxiliar significativo para as tarefas de pesquisa e ensino, [...] deixou de ser apenas arte e transformou-se em informação e conhecimento. Expandiu-se por meio de jornais, revistas científicas e de entretenimento, televisão e fotografia. As novas tecnologias computacionais desenvolveram maiores possibilidades de produção e uso de imagens, permitindo uma hipermediação com outros modos de comunicação.

O registro fotográfico serve de apoio a várias áreas: “a fotografia foi amplamente disseminada nos meios científicos e em vários setores da sociedade” (ABREU, 2005, p. 4). A geografia, por exemplo, utiliza fotos aéreas para a elaboração de mapas, ou no jornalismo em que a fotografia ajuda a compor a notícia. Para Teixeira (2008, p. 77) “a fotografia é um item muitas vezes indispensável à notícia. A imagem, capturada pelo repórter fotográfico, complementa e trabalha em sinergia com o texto do repórter.”

Desse modo, podemos dizer que a fotografia, definida como “um instrumento de comunicação de massa capaz de permitir ao indivíduo a representação de sua realidade em imagem” (LIMA; SILVA, 2007, p.2) é passível de ser uma fonte de informação, assim como os livros, revistas, o rádio, a televisão, a internet, folhetos, cartazes, jornais, periódicos, cinema, mapas, dicionários, enciclopédias, entre outros.

3.3 Fotografia nas mais diversas formas

Rodrigos cita em seu trabalho como a imagem sempre esteve presente na história do homem e a sua importância na comunicação e ao longo dos anos:

A história da humanidade foi e ainda é marcada pela presença da imagem como um dos principais mecanismos de comunicação entre os homens, que a utilizaram na forma dos mais variados suportes e técnicas, tais como “madeira, pedras, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais, [...] desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, televisão, web [...]” (RAMOS *apud* Rodrigues 2007, p. 68).

A fotografia está inserida no cotidiano das pessoas estando presente nas mais diversas áreas do saber, como a Geografia e a História e em meios de comunicação como a televisão, a internet, jornais e revistas, como foto jornalística ou retratos. Ressalta a importância da imagem, que de acordo com Rodrigues (2007, p. 67) “sempre foi um dos principais meios de comunicação na história da humanidade, ainda que por longo período a escrita a tenha sobrepujado em importância.”

A fotografia é um importante instrumento para a comunicação na sociedade. Ela é instrumento gerador de conhecimento e disseminador de informação, presente nas mais diversas áreas do saber. Kossoy (1989, p. 14) afirma que a fotografia “[...] teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.”

A fotografia é a representação do real, diferente da pintura. Apesar de também ser uma forma de expressão artística, a fotografia está mais ligada ao real do que a pintura, por exemplo. Peter e Silva (1999, p. 13) ainda enfatizam que:

A fotografia é a linguagem da imagem, a mais recente versão da mais antiga forma de comunicação gráfica. Diferente da fala ou da escrita, a fotografia é uma forma de comunicação que não conhece barreiras lingüísticas ou geográficas de nenhuma classe, fato que, em meu entender, aumenta o significado de qualquer fotografia e ao mesmo tempo incrementa a responsabilidade do fotógrafo.

De acordo com Peter e Silva (1999, p. 11) a fotografia “é uma manifestação artística e, como qualquer outra arte, compreende dois níveis: o nível da criação e o nível da execução”. Segundo Bazin (*apud* DUBOIS, 1993, p. 35):

A objetividade da fotografia confere-lhe um poder de credibilidade ausente em qualquer obra pictoral. Quaisquer que sejam as objeções de nosso espírito crítico, somos obrigados a acreditar na existência do objeto representado, ou seja, tornando aquilo presente no tempo e no espaço. A fotografia beneficia-se de uma transparência de realidade da coisa de sua reprodução.

Bazin (*apud* DUBOIS, 1993, p. 31) também afirma que a fotografia trouxe satisfação para o homem em que tentava pelas artes plásticas, suprir a sua necessidade de realismo em suas obras:

[...] a fotografia libertou as artes plásticas de sua obsessão da semelhança. Pois a pintura esforçava-se, no fundo em vão, em nos iludir, e esse ilusão bastava à arte, enquanto a fotografia e o cinema são descobertas que satisfazem definitivamente em sua própria essência a obsessão do realismo.

4 ACERVO HÉLIO SILVA

Neste capítulo faremos um breve relato da vida do jornalista e historiador Hélio Silva e trataremos do Acervo Hélio Silva constituído pelo mesmo e que pertenceu ao Centro de Memória da Universidade Candido Mendes.

Hélio Silva, como historiador, recolheu fotografias de diversas épocas da História do Brasil. Seu acervo possui fotografias de diversos anos e épocas distintas, cartões postais, charges e recortes de jornais de momentos importantes da política. Ao longo de sua vida, Hélio Silva colecionou, armazenou e tratou estes itens que fizeram parte do Centro de Memória da Universidade Candido Mendes.

4.1 Hélio Silva

Nascido em 1904 no subúrbio do Rio de Janeiro, o jornalista Hélio Ribeiro da Silva trabalhou em diversos jornais durante a sua carreira como O Brasil, O Imparcial, A Tribuna, A Rua, O País; nas revistas ABC e Phoenix, no Rio de Janeiro; Correio Paulistano, Jornal do Comércio e O Combate, em São Paulo. Durante o movimento de 1930, em que muitas redações foram fechadas, Hélio afastou-se do jornalismo (HÉLIO... 2011).

Após esse período, em que teve que sobreviver como vendedor de seguros recebeu um convite para trabalhar na Folha da Noite, de São Paulo, e em 1949 tornou-se redator-chefe da Tribuna da imprensa. Tornou-se presidente do conselho da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Sua carreira no Jornalismo teve fim ao formar, junto com Alceu Amoroso Lima e Paulo Sá, o Partido Democrata Cristão, no Rio de Janeiro.

Em 1920, empenhou-se, em cursar uma Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro, onde trabalhava nos Correios e telégrafos para pagar os custos de sua faculdade. Trabalhou como médico e professor durante longos anos e recebeu, ao longo desses, diversos prêmios como o título de cirurgião emérito, pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Em 1959, Hélio Ribeiro da Silva deu início a pesquisa para suas publicações em História Contemporânea, na Tribuna da Imprensa. Os livros a seguir compõem a Obra “Ciclo de Vargas”, composto por 16 volumes:

Ciclo de Vargas: 1889 – A República não esperou o amanhecer; 1922 – Sangue na areia de Copacabana; 1926 – A grande marcha; 1930 – A revolução traída; 1931 – Os tenentes no poder; 1932 – Guerra paulista; 1933 – A crise no tenentismo; 1934 – A constituinte; 1935 – A revolta vermelha; 1937 – Todos os golpes se parecem; 1938 – Terrorismo em campo verde; 1939 – Vésperas de guerra; 1942 – Guerra no continente; 1944 – O Brasil na guerra; 1945 – Por que depuseram Vargas; 1954 – Um tiro no coração. Ainda pela Civilização Brasileira publicou: 1964 – Golpe ou contragolpe? (HÉLIO... 2011).

Ele também escreveu as seguintes obras:

Pela Editora Três, SP, publicou a coleção História da República brasileira, em 21 volumes. Pela Edi-tora Avenir: Noite de agonia; pela L&PM Editores, Memórias: a verdade de um revolucionário (apresentação do diário do General Olympio Mourão Filho), O poder civil, O poder militar, 20 anos de golpe militar, Vargas, uma biografia política, entre muitos outros livros. (HÉLIO... 2011).

Nos anos 90 recolheu-se ao Mosteiro de São Bento, localizado no Rio de Janeiro, onde fez voto de pobreza. Faleceu em 1995.

4.2 O acervo

Hélio Silva, como historiador, recolheu fotografias de diversas épocas da História do Brasil. Seu acervo é constituído por fotografias de diversos anos e épocas distintas, cartões postais, charges e recortes de jornais de momentos importantes da história política brasileira. O acervo foi composto ao longo dos anos, por doações de fotógrafos profissionais de revistas, jornais e outros meios de comunicação. Além das doações, muitas das fotografias desse acervo vieram do Arquivo Casa de Rui Barbosa.

O acervo fez parte do Centro de Memória da Universidade Candido Mendes, criado pelo próprio Hélio Silva. Segundo a bibliotecária Evelyse Maria Freire Mendes ¹, que tratou e organizou grande parte do acervo, o mesmo era organizado por meio de um fichário numérico. No verso dos itens, era realizada uma breve descrição de assunto e outras informações, como local, data e descrição das pessoas presentes nas fotografias.

As fotos desse acervo possuem como suporte o plástico e sua estrutura é constituída por gelatina e corantes. São fotografias quimicamente estáveis, que sofrem poucas variações e

¹ A bibliotecária Evelyse Maria Freire Mendes, que tratou do acervo de Hélio Silva, cedeu informações sobre o mesmo em uma entrevista particular feita para a elaboração deste trabalho.

degradações com decorrer dos anos. A coloração delas está em preto e branco, variando em escalas de cinza.

O Centro de Memória foi extinto em meados da década de 1990 e atualmente o Acervo Hélio Silva encontra-se na Biblioteca Pio-X do Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes. Os documentos do acervo encontram-se armazenados em envelopes, em ordem numérica, em arquivos de metal. Porém estão indisponíveis ao público e sem nenhuma outra forma de tratamento no momento.

5 Metodologia

O acervo utilizado para a análise fotográfica é composto de fotografias históricas de vários períodos e foram selecionadas, para este trabalho, fotografias de um período histórico específico: Período JK e a construção de Brasília, ressaltando que “As fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história” (KOSSOY, 1989, p. 49.).

Segundo Kossoy:

A análise iconográfica tem intuito de decupar, inventariar e classificar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e tempo, além de corretamente identificado. (1989, p. 65)

A análise das fotografias do acervo escolhido irá proceder a partir da descrição do suporte da fotografia. Nela irá ser descrito o suporte em que a fotografia se encontra e o tipo de fotografia que ela é, a partir de sua data aproximada. Será descrito também, o local em que se encontra e a origem da aquisição.

O estado de conservação do documento será analisado, bem como as condições físicas do seu armazenamento e as condições ambientais em que ele se encontra também vão ser abordados na análise fotográfica. Vão ser evidenciadas as informações decorrentes ao assunto, espaço e tempo dos itens analisados neste trabalho. As informações referentes ao assunto da foto foram abordadas no decorrer deste trabalho, com o objetivo de uma melhor contextualização para a análise das mesmas.

A fotografia é entendida através de suas condições de produção, com suas intervenções culturais, políticas, econômicas e tecnologias. O objeto fotográfico passa a ser entendido como memória, documento ou monumento, sendo produto de um processo social complexo, uma síntese de múltiplas determinações. (SANZ, 2001, p. 14)

Desse modo, selecionamos cinco fotografias do acervo com objetivo de demonstrarmos como o objeto fotográfico pode ser compreendido como uma fonte de informação e registro de memória de um período histórico específico.

6 ANÁLISE FOTOGRÁFICA

De acordo com Kossy (1989, p. 65), a análise fotográfica é dividida em dois tipos: a descritiva, que apenas descreve o documento e seus aspectos físicos, e a análise interpretativa, que depende do conhecimento prévio de quem irá analisá-la sobre o assunto que a fotografia trata. “O entendimento de uma fotografia é tão amplo quanto a capacidade que cada um de nós tem de enxergar suas nuances interpretativas” (GURAN, 1999, p.67).

A análise temática da fotografia se difere da análise de documentos textuais. De acordo com Manini (2001, p. 128) este tipo de análise:

Objetiva a identificação do conteúdo informacional da imagem fotográfica. O que ela significa ou expressa não é oferecido só pela imagem e compreende um outro processo de identificação. O referente será analisado e pesquisado; sobre ele serão tiradas conclusões e a imagem poderá ser melhor analisada. A operação da análise documentária de documentos fotográficos também deve ser pensada em termos da representação escrita e da posterior recuperação da informação imagética por parte do usuário.

6.1 Período JK e a construção de Brasília

Juscelino Kubitschek era formado em medicina pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais e após se formar fez cursos e estágios no exterior, especializando-se, em Paris, em urologia (MEMORIAL... 2011). Em 1932 deu seus primeiros passos na política, quando foi convocado para o corpo médico durante a Revolução Constitucionalista. Em 1933 atuou como secretário do Governo de Minas Gerais. Atuou também como Deputado Federal, como secretário do Partido Progressista, Prefeito de Belo Horizonte, Governador de Minas Gerais e Presidente da República.

O governo de Juscelino Kubitschek estabeleceu-se nos anos de 1956 a 1961. “Comparado a outras épocas, o governo de Juscelino pode ser lembrado como um período que aliou a tranquilidade política e a prosperidade econômica” (VICENTINO; DORIGO, 204, p. 553). Em seu período de governo, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil teve grande crescimento, além da renda per capita, que também aumentou em um ritmo acelerado. Kubitschek tinha como prioridade de seu governo o crescimento econômico do país.

Juscelino Kubitschek reequipou toda a Marinha de guerra e enfrentou duas rebeliões que partiram da Aeronáutica: as revoltas de Jacareacanga e a Aragarças, que serviram para mostrar a habilidade do Presidente em anistiar conflitos (VICENTINO; DORIGO, 204, p. 553). Com a sua habilidade política trouxe para o Brasil grande capital estrangeiro, levando a um desenvolvimento industrial.

De acordo com Vicentino e Dorigo (205, p. 553) Kubitschek trouxe indústrias de bens de consumo não duráveis, como a indústria têxtil e a de alimentos, indústrias de base, como as de aço e as mecânicas e fez com que a indústria de bens duráveis, como a de automóveis e a de eletrodomésticos, se fortalece.

Seu governo tinha um plano de metas, traçava a forma de se atingir "50 anos de desenvolvimento em 5 anos de governo", visando acelerar o crescimento do país. As suas metas podem ser divididas da seguinte forma: Energia, Transportes, Alimentação, Indústria de Base, Educação e Construção de Brasília (MEMORIAL... 2011).

O Brasil teve três capitais em sua história: Salvador, Rio de Janeiro e Brasília. A transferência da capital do País pra o interior era muito antiga, porém este sonho só foi realizado durante o governo de Juscelino Kubitschek. Em 1956 cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital Federal (Novacap) responsável pela construção da Nova Capital Federal. Após a primeira viagem feita ao planalto central, Juscelino Kubitschek visitava as obra da Nova Capital duas vezes por semana e por conta de suas constantes idas foi construído um local onde o presidente pudesse se instalar, o Catetinho, que foi erguido em 10 dias (MEMORIAL... 2011). Foi então lançado um concurso para eleger o melhor projeto para a capital. O projeto vencedor foi o projeto de Lúcio Costa.

Lúcio Costa e Oscar Niemeyer foram nomes de grande importância na construção de Brasília. O primeiro foi responsável por projetar a cidade, enquanto o segundo era responsável pela construção dos prédios. Com o alto número de operários trabalhando na região, foi estimulado que comerciantes se estabelecessem no planalto central. A capital do país, Brasília, teve a sua inauguração em 21 de abril de 1960.

6.2 A história por imagens

As Fotografias escolhidas, porem serem posteriores a 1955, ano em que a fotografia com suporte de plástico começou a ser utilizada, possuem como suporte o plástico e seu negativo é feito de poliéster. Ela tem, em sua composição, gelatina e corantes, tornando-a quimicamente estável.

Os documentos se encontram em bom estado de conservação. As condições físicas de armazenamento são relativamente boas: os documentos se encontram localizado em um armário de ferro, dentro de pastas, onde cada pasta contém apenas uma foto. O ambiente é climatizado, melhorando as condições de armazenamento dos itens. No acervo, não são fornecidas informações como equipamento utilizado, como o tipo de câmera, modelo, objetiva. As tonalidades das fotografias variam em uma escala de cinza.



Foto 1: Juscelino Kubitschek e Luciano Costa (Urbanista) estudam a planta do Plano Piloto de Brasília no local onde seria construído o Eixo Monumental Rodoviário, em 27/08/1957.

Fonte: Arquivo Fotográfico Hélio Silva /Arquivo "O Globo"

A fotografia acima tem em seu primeiro plano Juscelino Kubitschek e Luciano Costa segurando a planta de urbanização da Avenida Monumental. O local em que eles estão situados é um planalto com árvores, algumas outras plantas e uma placa indicando que ali será construída a avenida. Juscelino Kubitschek apresenta-se com a face curiosa e interessada na planta que está observando, enquanto Luciano Costa parece estar apreensivo, sério e, talvez, com certo receio dos comentários que o então Presidente do Brasil possa fazer ao trabalho que ele empenhou.



Foto 2: Juscelino Kubitschek e Bernardo Saião, Diretor executivo de Obras da NOVACAP, em 17/01/1959.

Fonte: Arquivo Fotográfico Hélio Silva / Arquivo “O Globo”

Esta fotografia mostra um momento descontraído de Juscelino Kubitschek. Ele se encontra em uma refeição possivelmente um lanche ou café da manhã, pela presença do bule de café, com o Diretor executivo de Obras Bernardo Saião da NOVACAP, empresa responsável pela construção da nova capital brasileira, Brasília. Apesar de Juscelino ter uma feição mais séria do que Bernardo Saião, ambos mostram certa felicidade e, provavelmente, satisfação com o andamento das obras.



Foto 3: Juscelino Kubitschek na varanda do 1º Hotel construído no núcleo Bandeirante, também chamada cidade livre, onde moravam os pioneiros da construção de Brasília, em 27/08/1957.

Fonte: Arquivo Fotográfico Hélio Silva /Arquivo “O Globo”

Aqui vemos Juscelino Kubitschek na sacada do 1º Hotel construído no núcleo Bandeirante, onde moravam as pessoas responsáveis pela construção de Brasília. Esta imagem mostra que Juscelino, além de visitar as obras oficiais, visitava as instalações dos operários. Nesta foto podemos ver que ele se encontra mais sério, mais contido, com semblante preocupado e os lábios serrados. Juscelino deveria estar naquele momento, preocupado com algum aspecto das obras ou do núcleo Bandeirante.



Foto 4: Juscelino Kubitschek em Brasília, no início da construção. 1956.

Fonte: Arquivo Fotográfico Hélio Silva

Aqui se pode observar o então Presidente do Brasil, contemplando o planalto central. No primeiro plano observamos Juscelino Kubitschek pensativo, olhando para o tema central da foto: o planalto pronto para receber as obras da nova capital. Ao fundo pode-se notar uma construção rústica que pode ser a instalação dos operários que ali trabalhavam.



Foto 5: Construção de Brasília. Estacas marcando o lugar onde seria construído o Palácio da Alvorada. 1957

Fonte: Arquivo Fotográfico Hélio Silva

Esta fotografia exhibe o começo da construção do Palácio da Alvorada. O palácio foi construído com o objetivo de ser residência oficial do presidente do Brasil. Projetado por Oscar Niemeyer, este palácio foi o primeiro edifício de alvenaria a ser inaugurado na nova capital. Com a sua inauguração, em 1958, passa a ser a residência do então Presidente Juscelino Kubitschek. (PALÁCIO... 2011)

De acordo com Kossy (1989, p.35) as “fontes fotográficas, tomadas como objeto de um prévio exame técnico-iconográfico e interpretativo, prestam-se definitivamente para a recuperação das informações”. Desta maneira a fotografia é capaz de ser uma fonte de informação, auxiliando tarefas de pesquisa e ensino.

A fotografia tem caráter documental que possui “diferentes aspectos da vida passada de um país que são importantes para estudos históricos concernentes às mais diversas áreas do conhecimento” (KOSSY, 1989, p.35) lembrando que ela “mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um quadro da realidade: um aspecto determinado (KOSSY, 1989, p.72).

A fotografia se tornou importante ao longo dos anos, ganhando espaço no cotidiano das pessoas, ganhando caráter documental e de fonte de informação. Freund (*apud* GURAN, 1999, p.105) enfatiza a importância da fotografia para o homem, falando que ela “muda a visão das massas. Até então, o homem comum só podia visualizar os acontecimentos que ocorriam a sua volta, na sua rua, na sua cidade. Com a fotografia se abre uma janela para o mundo.”

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste projeto foi feito o levantamento bibliográfico acerca dos temas e tópicos que norteiam a pesquisa. O tema, a fotografia como fonte de informação, foi delimitada através de autores da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e de autores de áreas diversas do conhecimento ligados a fotografia e a imagem.

Este trabalho apresentou embasamento teórico acerca do tema e indicou a fotografia como fonte de informação, geradora de conhecimento e insumo para o processo de comunicação. Definiu a fotografia como imagem, suporte de expressão da representação social, item de valor histórico e instrumento de pesquisa presente em diversas áreas do conhecimento, desde a Biblioteconomia até a Geografia.

O trabalho apresentou um breve histórico sobre a fotografia, mostrando sua origem e seus principais suportes e avanços tecnológicos ao longo dos anos. Foi também apresentado o conceito de fotografia, imagens e fontes de informação de acordo com a proposta do trabalho, para melhor relacionar os mesmos com a proposta apresentada. Através das teorias sobre informação na área de Biblioteconomia e em outras áreas do conhecimento, pode-se enfatizar e demonstrar que a fotografia pode ser concebida como uma fonte de informação.

Foram analisadas as fotografias do Acervo de Hélio Silva, sobre o governo de Juscelino Kubitschek e a construção de Brasília. O objetivo da análise destas imagens foi o de mostrar como a fotografia pode ser fonte disseminadora de informação e criadora de conhecimento na sociedade. Foram feitos levantamentos bibliográficos a respeito de Juscelino Kubitschek, a construção de Brasília e o historiador Hélio Silva, com o objetivo de melhor situar a proposta desse trabalho.

Percebemos como os conceitos de fotografia, fonte de informação, informação e imagem se relacionam, aumentando o nível de compreensão acerca dos mesmos. Por meio da análise das fotografias apresentadas nesse trabalho, foi possível demonstrar que a fotografia é uma fonte de informação e memória, um fragmento de algo que ocorreu no passado em um determinado período e que pode ser analisada de formas diferentes no presente nos ensinando sobre o nosso passado.

REFERÊNCIAS

AGNER, Luiz. **Ergodesign e arquitetura da Informação: trabalhando com o usuário**. Rio de Janeiro: Quarted, 2009.

ABREU, Leandro Pimentel. **O auto-retrato como espetáculo e controle na contemporaneidade**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da Informação**, v. 28, n. 2, 1999. Disponível em: <[http://dici.ibict.br/archive/00000193/01/Ci\[1\].Inf-2004-336.pdf](http://dici.ibict.br/archive/00000193/01/Ci[1].Inf-2004-336.pdf)>. Acesso em: 12 jun.2011.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de Informação: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. São Carlos: UFSCAR, 2005.

DUBOIS; Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1993. 362 p. (Série Ofício de Arte e Forma).

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. 120 p.

HALLIDAY, David; WALKER, Jearl. Imagens. In: _____. **Fundamentos de Física 4: Óptica e Física Moderna**. Rio de Janeiro: Ltc, 2009. p. 39-76.

HÉLIO Ribeiro da Silva: médico, historiador e monge beneditino, autor de oitenta livros. Disponível em: <<http://oexplorador.com.br/site/ver.php?codigo=17137>>. Acesso em: 5 set. 2011.

HÉLIO Silva. Disponível em:

<http://lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=508160>. Acesso em: 05 set. 2011.

HISTÓRIA da Fotografia Disponível em:

<http://www.fujifilm.com.br/comunidade/historia_da_fotografia/index.html>. Acesso em: 05 set. 2011.

HISTÓRIA da Fotografia Disponível em:

<http://www.kodak.com/BR/pt/consumer/fotografia_digital_classica/para_uma_boa_foto/historia_fotografia/historia_da_fotografia07.shtml?primeiro=1>. Acesso em: 13 out. 2010.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/439/397>>. Acesso em: 4 nov. 2011.

KOSSOY, Boris. **A Fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1989.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações em imagens equivalentes**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf> >. Acesso em: 24 jun. 2011

MARTINE, Joly. **Introdução a análise da Imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.

MANINI, Miriam Paula. Análise Documentária de Imagens. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001, p. 128-135.

MEMORIAL JK Disponível em: <<http://www.memorialjk.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2011

MORIGI, Valdir José; ROCHA, Carla Pires Vieira da. A festa como narrativa mediadora na construção do espírito comum. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--122.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

PETER, Jorge; SILVA, Verônica Monteiro da. **Cadernos do mestre Peter: um curso de fotografia na sua essência**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

PALÁCIO da Alvorada Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/presidencia/palacios-e-residencias-oficiais/palacio-alvorada>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

QUINTAS, António et al. **Manual de Fotografia Digital**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2008. 45 p.

RODRIGOS, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010. 178 p. (Coleção Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação).

SANZ, Cláudia Linhares. **Perspectivas do ato fotográfico: Uma revisão bibliográfica**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001. 22 p.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 67-87.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (Paraíba). **ALHAZEN**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Alhazen0.html>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

VASQUEZ, Pedro Karp. **História da Fotografia**: uma introdução. In: _____. Curso: Fotografia Documental. Rio de Janeiro: [s. n.], 2000.

VINCENTINO, Claudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio**: História geral e do Brasil. São Paulo: Spicione, 2001. (Série Parâmetros).